

A DIMENSÃO SOCIAL DO SUICÍDIO

No vídeo “A Dimensão Social do Suicídio”, produzido pelo canal Conversa Psi, no YouTube, o psicólogo e psicanalista Ronaldo Coelho conversou com o psicólogo social Thiago Bloss, no quadro “No Divã”. Costumeiramente o suicídio é tratado e compreendido como um ato individual, desconsiderando análise das determinações sócio-políticas de seu acontecimento. É de espantar que os dados epidemiológicos do suicídio batam com os de violência e homicídios. Os corpos matáveis são também aqueles que são deixados para morrer. Por meio dos conceitos de Sofrimento Ético-político e Necropolítica, Thiago Bloss explica como as questões sociais participam de forma ativa para os dados apresentados quando o assunto é suicídio, rompendo, assim, com a rasa ideia medicalizante sobre o tema.

Ronaldo Coelho – Thiago é psicólogo social, professor de psicologia da Uninove, membro da ABRAPS (Associação Brasileira de Psicologia Social) e do Instituto Vita Alere, que trabalha com prevenção e posvenção do suicídio. Thiago, gostaria que falasse um pouco sobre a dimensão social e cultural do suicídio.

Thiago Bloss - Acho que a primeira questão a pontuar é o meu recorte dentro da psicologia social, especificamente da psicologia social crítica. O primeiro passo para pensar a subjetividade tendo a psicologia social crítica como referência, é compreender que não dá para pensar a formação subjetiva destacando o indivíduo da realidade social e cultural onde ele está inserido. Isso é importante porque rompe com certo olhar hegemônico que a suicidologia traz e que é muito atravessado por uma visão medicalizada e reduzida à uma esfera intrapsíquica ou esfera biológica do indivíduo, e que infelizmente acaba muitas vezes reduzindo toda a complexidade do fenômeno do suicídio.

Ronaldo Coelho - Como podemos pensar essa dimensão social?

Thiago Bloss – É preciso trazer a visão crítica suicidologia hegemônica que é atravessada pelo olhar medicalizado que basicamente vai enxergar o suicídio como uma simples somatória de fatores.

Ronaldo Coelho - Quando você fala medicalizado, medicalizante, é de tornar doença?

Thiago Bloss - A medicalização da vida é basicamente reduzir a questão humana, fenômenos humanos, fenômenos sociais à um problema médico. Conseqüentemente, se você reduz questões humanas, complexidade humana à uma questão médica, você encontra a solução para isso também no discurso médico. Uma coisa, por exemplo, que a gente vê muito no discurso da suicidologia hegemônica em geral, é pensar o suicídio como multifatorial. Eu não vejo equívoco em falar que é um fenômeno multideterminado.

O grande ponto que vejo, que a suicidologia faz e que vem de uma tradição das ciências naturais, é simplesmente pegar um fenômeno complexo como é o suicídio e esquadrihar ele em pequenos fatores. Como se fosse possível segmentar em fatores, pendurar esses fatores em um varalzinho de forma destacável, dessetorizada, descontextualizada. Então pega fatores psicológico, biológico, social, cultural e os enxerga como se fossem da mesma magnitude, como se pudessem ser comparados. A premissa da psicologia social é: se o homem é em si um ser social, então para conseguir compreendê-lo e compreender qualquer reação dele, é preciso voltar, necessariamente, para a sociedade, para a cultura. Esse é um recorte que a gente já parte de uma visão inversa na suicidologia. O fato de como a gente concebe o indivíduo. Normalmente, no senso comum e nas abordagens das ciências naturais, o indivíduo é concebido como aquele que nasce e conforme sua vida, ele vai se socializando. A nossa visão é extremamente oposta.

Concebemos que o indivíduo nasce essencialmente social, nasce pura socialização. Aliás, antes mesmo de nascer ele já está sendo atravessado por relações sociais, por relações culturais, por expectativas de papéis sociais específicos, por um segmento identitário, por um segmento de gênero binário específico e assim por diante. Só depois, com seu desenvolvimento, aí sim que ele vai se formando indivíduo. Entretanto, ali ele já foi atravessado por todas as formas possíveis e aí, no caso, está o recorte que eu faço, que é através da violência e da dominação. É pensar essa formação do indivíduo a partir de reações violentas e de dominação. A suicidologia perde quando vai, por exemplo, pensar o sofrimento do indivíduo, primeiro, de forma estritamente multifatorial, como se fosse possível pegar esses fatores e abstrair, assim isolados; segundo, quando vai pensar o indivíduo como uma instância intrapsíquica, fechada, encerrada em si próprio como algo hermético, que nada tem a ver com a realidade social onde ele está inserido.

Ronaldo Coelho – Como você entende essa relação de violência, essa dimensão social na relação com o suicídio?

Thiago Bloss - O pressuposto, que é o tema que tenho trabalhado ultimamente, é pensar que tipo de sofrimento é esse de um indivíduo excessivamente socializado? Se a gente for pegar a visão liberal de indivíduo, o que nos constitui enquanto indivíduos no sentido liberal, é o fato de sermos autônomos, livres e assim por diante. Se a gente for pegar essa concepção atual ela está falida. Não somos autônomos e, definitivamente, não somos livres. Então a gente vai partir do pressuposto que o indivíduo, com um excesso de adaptação à realidade social, por ser excessivamente socializado não pode se realizar enquanto tal. A minha questão é: como é que eu consigo então pensar a questão desse tipo de sofrimento, que resulta de relações atravessadas pela dominação, pela violência, e que não permite a individuação, não permite ao indivíduo se realizar enquanto tal? O conceito que tenho e que trago das contribuições da professora Bader Sawaia, da PUC, e do professor José Moura Gonçalves Filho, do Instituto de Psicologia da USP, é pensar a dimensão de um sofrimento que se manifesta de maneira singular, de maneira particular no indivíduo, mas que carrega uma dimensão universal, carrega uma história anterior a ele. É um sofrimento ao mesmo tempo individual e universal, ao mesmo tempo singular e histórico, político. É o conceito de sofrimento ético-político, ou seja, que o indivíduo não sofre simplesmente por uma questão interpessoal, ou por uma desregulação do seu circuito serotoninérgico, no cérebro, por uma deficiência de algum metabólico que leva à produção de serotonina.

Isso é extremamente insuficiente para pensar a tristeza, a depressão e o sofrimento. Meu ponto de partida é pensar que o indivíduo sofre a partir das relações que ele estabelece com o mundo e nossa forma de sociabilidade é essencialmente atravessada pela violência e pela dominação. Temos aí, então, a dimensão de um sofrimento que não é apenas individual, mas diz respeito a uma intersubjetividade, que faz com que seja um sofrimento ético. Quando falamos de ética, estamos falando de intersubjetividade. Entretanto as relações não são neutras, elas são relações atravessadas pelo poder, conseqüentemente são relações políticas. O sofrimento que decorre dessas políticas é um sofrimento ético-político. Esse é o principal recorte para se pensar esse sofrimento que resulta em suicídio. Uma coisa óbvia, que serei bem tautológico agora é: o indivíduo que completa o suicídio, que apresenta comportamento suicida, está em sofrimento. Isso é a nossa premissa inicial. A grande questão é perguntar que sofrimento é esse? Faço esse recorte de pensar no sofrimento ético-político. Mais uma pontuação, eu insisto, a violência não é um desvio de percurso da nossa socialização. Normalmente, quando se pensa sobre o que é violência, onde ela se manifesta, costuma-se ter modelos apresentados na mídia, de que violência é homicídio, é latrocínio, é roubo de carro, é assalto, etc. E perde-se a dimensão da violência que ocorre na intimidade dos lares, na chamada violência intrafamiliar que atravessa todos nós, todas as famílias, em maior ou menor grau, mas que atravessa a nossa sociabilidade, porque ela é extremamente naturalizada. A grande questão é pensar o quanto esse tipo de violência, que resulta em sofrimento ético-político, leva à negação desse indivíduo, o impossibilita de ser e existir segundo a sua própria maneira, segundo as suas propriedades, segundo a maneira como ele quer ser e existir. Esse é o grande ponto para pensar o sofrimento ético-político. O quanto esse tipo de sofrimento é carregado de uma história de violência específica, na posição social de onde aquele indivíduo está. Lembro que no ano de 2017 tivemos o caso de uma mulher que estava dormindo dentro do ônibus, aqui na Av. Paulista, e acordou com um homem ejaculando em cima dela.

É muito interessante pensar, como o tipo de sofrimento resultante dessa forma de violência é muito característico de um sofrimento de gênero, que é atravessado sobretudo sobre mulheres. Sempre falo para os meus alunos que eu, enquanto homem, hétero, branco, não carrego esse medo de acordar num ônibus com alguém ejaculando em cima de mim. Quando vou andar na rua de noite não tenho medo de ser estuprado. Entretanto, este é um tipo de sofrimento que é extremamente presente nas mulheres. Quando vou andar com a minha esposa na avenida paulista não carrego angústia ou medo de segurar na mão dela. Não tenho medo de ser agredido. Entretanto, acaba sendo um tipo de sofrimento extremamente comum entre as pessoas do segmento LGBT, por exemplo. Fazer esse tipo de recorte do sofrimento, considerar que ele é individual e universal ao mesmo tempo, é essencial para pensar a questão do suicídio.

Ronaldo Coelho - É a mesma coisa quando a gente fala de raça. Nós, sendo homens brancos não temos, por exemplo, receio de que seremos julgados na nossa inteligência, nas nossas capacidades, pelo nosso tom de pele.

Thiago Bloss – Ou se formos parados pela polícia, sabemos que a possibilidade de nos identificarem imediatamente como bandidos é menor do que se fôssemos negros. O ponto é esse, e é interessante fazer uma relação direta com isso. Ao pegar os índices de suicídios, temos entre os níveis mais altos os segmentos mais oprimidos. O que mostra relação muito direta, muito presente, entre suicídio e violência. Essa violência socialmente difusa. Dados que saíram ano passado no relatório de óbitos da população negra, mostram que no Brasil a cada dez suicídios, seis são de negros. Ano passado, o grupo Gay da Bahia, do Luiz Mott, que faz um trabalho maravilhoso, levantou os dados de suicídio na comunidade LGBT. Os dados apontam aumento de 43% entre 2017 e 2018. Os levantamentos apontados pelo Ministério da Saúde mostram alto índice de suicídio na população indígena, na população idosa. E o índice de violência sobre essa população é gigantesco.

Existem dados que apontam recordes de extermínio da população negra, feito pelo Estado já no primeiro trimestre. Provavelmente neste ano de 2019, chegaremos a 70 mil mortos pelo Estado. É um número que não pode ser simplesmente isolado na hora de pensar sobre suicídio, especialmente dessa população oprimida. Acabamos de ter a aprovação da reforma da previdência e temos dados que mostram o impacto desse tipo de reforma, por exemplo, na população chilena, que está levando milhares de idosos a cometer suicídio. Isso possivelmente vai ser uma condição estrutural que em breve, provavelmente, vai aumentar esse tipo de sofrimento resultante dessa total vulnerabilidade da total perda de direitos.

Ronaldo Coelho - Perda de perspectiva de dignidade. Quando você diz provavelmente é um eufemismo de um cuidado que talvez a gente nem precise. Vai aumentar sim. Achei muito interessante e fundamental discutir o suicídio pela ótica que você traz. A perda de perspectiva de dignidade na velhice é algo muito sério. Ou seja, a pessoa trabalhou a vida inteira, não pode mais trabalhar, não tem mais condições, principalmente as que vivem do trabalho braçal, e não têm dignidade de viver com uma renda mínima.

Thiago Bloss – Exatamente! A importância dessa ideia do sofrimento ético-político, quer dizer, uma das definições já que ele não é um conceito fechado, além de pensar que esse tipo de sofrimento é resultante de relações de poder e que negam o indivíduo em seu ser, em seu existir, traz também que o sofrimento ético-político é resultado da completa negação de cidadania do indivíduo, da negação enquanto sujeito ético, sujeito político. O que vemos hoje, através da política neoliberal, é justamente o desmonte de qualquer forma de cidadania.

Ronaldo Coelho - Então novamente os índices de suicídio vão aumentar?

Thiago Bloss - Nesse ponto, por isso falei provavelmente, para não fazer relações causais diretas, apesar de já fazer algumas, admiro muito o trabalho de Emile Durkheim, que ninguém lê, mas todo mundo deveria ler porque mais atual impossível. Durkheim falava que o suicídio tem as suas variações, mas sempre mantém uma certa cota específica de mortes em cada país, em cada localidade. Ele desconstrói os argumentos baseados na psicopatologia, na hereditariedade que tentam explicar o suicídio. Ele mostra como cada sociedade tem a sua cota específica de indivíduos que morrem por suicídio. Eu seguro um pouco pensar na relação direta porque me pergunto se não entraria uma outra determinação. Mas a princípio eu não tenho qualquer otimismo. Aliás, relatórios da OMS em 2015, 2014 informavam que se tinha um suicídio a cada 40 segundos no mundo e, na época, projetavam que em 2020 esse número chegaria a um suicídio a cada 20 segundos. Ou seja, vai dobrar e é no próximo ano. Estamos então numa perspectiva de ter um aumento brutal de casos de suicídio e estamos passando por uma política de completa destruição de qualquer forma de seguridade social, e mais do que isso, de qualquer forma fraterna de convivência com o outro. Assumimos de vez o autoritarismo brasileiro como uma forma de política de Estado. Assumimos o racismo, a homofobia, como forma política, com forma de política pública.

Ronaldo Coelho - Nesse trabalho do Durkheim, ele fala que em contextos de instabilidade econômica, de instabilidade social e política, do ponto de vista do Estado, os índices de suicídio tendem a aumentar?

Thiago Bloss – Sim, ele fala do suicídio anômico. Ou seja, aquilo que ligava o indivíduo socialmente, o laço social, se desfaz. Os alunos costumam me perguntar se hoje, talvez, o principal tipo de suicídio seja o anômico. Eu acredito que sim. Vejo uma sociedade que está formando cada vez mais individualistas, mini empreendedores individuais, como esse modelo neoliberal de subjetividade, que pensa o indivíduo como uma pequena empresa e todo mundo se tornar uma pequena empresa concorrente.

Ronaldo Coelho - Ou coaching?

Thiago Bloss – Sim, ou coaching. Ou um modelo de cuidado de saúde mental, a princípio, com um viés empresarial, tratando o indivíduo como pequeno empresário de si.

Ronaldo Coelho - O cuidado do sofrimento passa a ser um contingenciamento de questões econômicas.

Thiago Bloss - E na lógica do fluxo de caixas de ativos e passivos, contando o prejuízo, quanto devo investir aqui? Assim por diante. Insisto, a gente perde totalmente a dimensão do indivíduo nessa hora, desse indivíduo que sofre. É preciso, também, pensar o suicídio como um grande efeito da nossa atual forma de política de Estado, que é aquela de eliminação dos descartáveis, a chamada necropolítica. Muito própria, hoje, do modelo liberal, no qual há indivíduos que são descartáveis, que são mortos ou deixados para morrer. E aí que o suicídio entra. Isso é mais um efeito do que conversamos sobre a anomia. A princípio, em termos teóricos, o Estado garantiria minimamente as regras do jogo, garantiria os laços sociais, minimamente fraternos (como se isso fosse possível). Mas agora ele se assume, de vez, como o Estado de extermínio. Como um Estado vai eliminar aqueles descartáveis ou vai deixar esses descartáveis morrer.

Ronaldo Coelho - E nesse setembro amarelo, onde vemos campanhas e falas de prevenção ao suicídio, e falas essas, por vezes, das mesmas pessoas que apoiam esse Estado da necropolítica, a fala sua, Tiago, é fundamental, porque prevenir o suicídio é também fazer uma política humanitária e não uma necropolítica. Você quer falar um pouquinho sobre isso?

Thiago Bloss - Infelizmente a gente viu muitas pessoas que trabalham com suicídio apoiando modelos autoritários de Estado, modelos autoritários de governo. Ter, por exemplo, uma ministra que deveria ser a representante dos direitos humanos, falar que menino deve vestir azul e menina deve vestir rosa, e um ministro das relações exteriores falar que os únicos gêneros possíveis são masculino e feminino, nos leva a pensar nos possíveis efeitos destas falas em indivíduos pertencentes à estes grupos. Como ficam esses indivíduos ao verem que o Estado, que deveria ser o representante de uma certa universalidade da população, de sua garantia de existir, de sua proteção social básica, faz uma política de opressão? Estamos vivendo tempos que a gente precisa falar o óbvio. Psicologia e política são coisas que andam de mãos dadas. Deixo claro que não estou falando de partidos, estou falando, essencialmente, de jogos de poder.

A psicóloga Elis Cornejo e eu, estamos fazendo um trabalho de prevenção ao suicídio na Casa Um, em São Paulo. Para quem não sabe, a Casa Um é um espaço de acolhimento da população LGBT que foi expulsa de casa. Fazemos rodas de conversa com os profissionais da Casa. Nessas rodas, percebemos que a forma de sofrimento que essa população traz é muito carregada pela impossibilidade de ser e existir tal como quer. Sofrimento que vem da impossibilidade de ver reconhecida a sua dor, de ver reconhecida a sua negação de sua cidadania. Sofrimento que vem da impossibilidade de existir.

Ronaldo Coelho - A existência não é sozinha. Ela também depende do olhar do outro, do reconhecimento do outro. Depende de que o outro me legitime como tal. Se o outro não me legitima, sinto que não há essa legitimação. Sinto que está cerceada a minha possibilidade de existir na minha singularidade, naquilo que muitas vezes não tem muito a ver só com vontade ou desejo, do ponto de vista de escolhas que a gente faz, como, por exemplo, escolher uma camiseta para vestir. Mas, tem a ver com a condição que eu tenho de existir.

Thiago Bloss – Existir e ser livre. Em 2017, quando teve a possibilidade de ser anulada a resolução 01/99, do conselho federal de psicologia, que proibia as chamadas terapias de reversão sexual, conhecidas cura gay, teve uma manifestação na avenida Paulista contra o decreto que se propunha derrubar a resolução 01/99. Estive nesta manifestação, juntamente com a ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social), da qual faço parte. Levamos algumas faixas e uma delas tinha um tamanho relativamente extenso, o que fez com que se formasse um bloco atrás. Neste bloco tinha um jovem gay, usando praticamente uma tanguinha, dançando bastante, junto com seus parceiros e parceiras. Ao perceber, disse a ele o quanto eu ficava feliz em poder vê-lo se expressar da maneira que queria, justamente ali na avenida Paulista, onde se tem muitos casos de ataques homofóbicos, aliás, ataques homotransfóbicos. Perguntei para ele se não sentia medo de andar ali daquela maneira e sua resposta, que evidencia e elucida o sofrimento ético-político foi: “não, não tenho medo não, porque a gente está aqui com todo mundo junto e a gente se protege.

Num espaço como esse eu não sinto medo e eu me sinto livre”. Essa fala reflete, não apenas uma forma da gente conseguir lidar com o sofrimento ético-político dos segmentos especificamente oprimidos, mas de toda a população, uma vez que a maior parte de nós é da classe trabalhadora e está sujeita a um tipo de sofrimento que leva à negação da cidadania. A fala desse menino aponta claramente o sofrimento ético-político e, se de repente, em algum momento ele venha a apresentar um comportamento suicida é preciso pensar que seu sofrimento não é decorrente de uma falta de adaptação ao mundo, uma falta de resiliência, falta de habilidades sociais, mas é oriundo de um excesso de adaptação que imperam uma sociabilidade baseada na violência, na dominação, e que impede que esse indivíduo se realize. É por isso que eu discordo de algumas vertentes da suicidologia, que vão pensar a prevenção do suicídio através de apelos morais. Existem algumas falas, que são quase campanhas que dizem coisas do tipo “se tem vida tem jeito”, “a gente tem que ser agente da gente”, colocando a responsabilidade total e completamente sobre o indivíduo.

A psicologia social crítica vai para o extremo oposto disso. Compreendemos que não dá para exigir potência individual de um indivíduo que está extremamente impotente, de um indivíduo que está anulado socialmente. Tendo isso em vista, pensando que o suicídio, que o sofrimento de suicídio não é simplesmente oriundo de uma falta de adaptação, de uma falta de resiliência, mas sim do excesso de adaptação, cabe pensar formas de prevenção a partir desse olhar, que vai pensar esse sofrimento como resultado de relações de violência, de poder, de dominação e que impedem a realização efetiva desse indivíduo.

Ronaldo Coelho – Maravilha, meu querido! Thiago, muito obrigado, adorei essa conversa! Acho que você traz uma discussão muito importante, muito relevante, importantíssima sobretudo para psicólogos.

Thiago Bloss - Eu que agradeço, obrigado por estar no seu Divã!



Clique na imagem para assistir a entrevista completa no Conversa Psi

(necessário conexão com a internet)

COMO CITAR ESTE TEXTO

Araújo, T.B. , Coelho, R. L. (2020) Racismo e sofrimento em tempos de pandemia - entrevista. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, 12 (2), 45-58.

RECEBIDO: 29/09/2020.
APROVADO: 05/11/2020.